



## TRAÇOS DE VIDA, SILÊNCIO NA ARTE

Idanise Sant'Ana Azevedo Hamoy. UFPA

**RESUMO:** O período da segunda guerra mundial é marcado pelo antissemitismo e além da questão política, a questão estética e artística permeia intensamente o contexto histórico e intelectual da Alemanha. A intenção de restabelecer a hegemonia da estética grega segregou pessoas, destruiu obras de artes, silenciou artistas. Lacunas na História da Arte que o tempo e o desejo de conhecer seu percurso permitem visitar e reconhecer trajetórias da criatividade humana. Neste artigo se apresenta de forma descritiva a vida e obra de Charlotte Salomon, artista alemão-judia, assassinada aos 26 anos no campo de concentração de Auschwitz, e que permanece viva na série de 769 pinturas de sua autoria intituladas “Leben? Oder Theater? Ein Singspiel” – Vida? Ou Teatro? Um Drama musical – produzidas na França no período em que fugiu do nazismo no qual reflete sobre suicídio, vida e memória.

**Palavras-chave:** Charlotte Salomon. Holocausto. Arte Degenerada.

**RESUMEN:** El período de la Segunda Guerra Mundial se caracterizó por el tema del antisemitismo y además de la cuestión política, la cuestión estética y artística impregna intensamente el contexto histórico e intelectual de Alemania. La intención de restaurar la hegemonía de la estética griega culminó con personas segregadas, obras de arte destruidas, artistas silenciados. Lagunas en la Historia del Arte que el tiempo y el deseo de conocer su ruta, permiten visitar y reconocer las trayectorias de la creatividad humana. En este trabajo se presenta de modo descriptivo la vida y la obra de Charlotte Salomon, artista alemán-judía, asesinada a los 26 años en el campo de concentración de Auschwitz, pero se mantiene viva en la serie de 769 pinturas de su propia autoría titulada "Leben? Oder Theater? Ein Singspiel" - IL vida? O Theatre? El Drama Musical - Producido en Francia en el período en el que escapó de los nazis, donde reflexiona sobre el suicidio, la vida y la memoria.

**Palabras clave:** Charlotte Salomon. Holocausto. Arte degenerado.

### O outro lado

Neste ano de 2013 completa 70 anos, daquele dia 19 de abril de 1943, quando judeus se rebelaram contra o regime nazista no Gueto de Varsóvia. Todos os anos, pontualmente às 10 horas, do dia 27 de Nissan<sup>1</sup> no calendário hebraico, soam em Israel as sirenes aéreas e tudo para por dois minutos. Registro, silêncio e memória. O Yom Hash-Sho'ah – Dia da lembrança do Holocausto, instituído como lei no ano de 1959 pelo primeiro chefe de governo do estado de Israel, David Ben Gurion; lembra os atos de

violência, tortura, discriminação, crueldade e morte, cometidas pelo regime nazista contra judeus. Regime que silenciou a vida, mas não a obra de Charlotte Salomon.

Instituir um dia da lembrança aponta para a necessidade de não esquecer os fatos ocorridos nos campos de concentração, no silêncio imposto, no cerceamento de liberdade, confisco da memória e da história pessoal de judeus, e ainda de grupos minoritários como ciganos, homossexuais e testemunhas de Jeová. Sob a luz da metodologia durkheiminiana, manter viva essa memória, reforça a coesão social. Mais de seis milhões de pessoas exterminadas, por força de ideias antissemitas ou de pureza racial, não podem ser simplesmente apagadas. O mundo precisa lembrar, mas acima de tudo precisa compreender o que de fato ocorreu ali. Uma parte da História da Arte está para ser contada, pelas obras de muitos artistas que desapareceram nos campos de concentração.

Muitos livros, documentários, filmes surgiram para tratar do tema e contar a história de sobreviventes, de pessoas que salvaram vidas, e de como viviam nos campos de concentração. Filmes como “A Lista de Schindler” (1993), “A vida é bela” (1997), “O Pianista” (2002) foram premiados e são considerados grandes sucessos de bilheteria. No entanto, é um documentário produzido e dirigido pelo cineasta sueco Peter Cohen, “Arquitetura da Destruição<sup>2</sup>” (1989) que aponta o sincronismo da cultura e o alinhamento entre a Arte e os objetivos nazistas, afirmando a presença de “artistas frustrados” no comando do Terceiro Reich<sup>3</sup>: Paul Joseph Goebbels (1897-1945), romancista e ministro da Propaganda do governo nazista; Alfred Rosenberg (1893-1946), ideólogo do partido, produziu obras de pintura e literatura; Baldur Benedikt Von Schirach (1907-1974), oficial nazista e líder da juventude hitlerista, importante poeta do Reich e o próprio Adolph Hitler (1889-1945), sonhava ser arquiteto e artista.

Segundo a pesquisa documental realizada por Peter Cohen para o filme, Hitler pintava aquarelas e foi recusado por duas vezes pela Academia de Belas Artes de Viena (1907). Mas o que marcaria o início de seu grande projeto de reconstruir o mundo de forma harmoniosa, segundo afirmações do próprio Hitler, foi ter assistido a ópera “Rienzi” de Wilhelm Richard Wagner (1813-1883), baseada na obra de Edward Bulwer-Lytton que apresenta o personagem de Nicola Gabrini, conhecido como Cola de Rienzi. A ópera tem como cenário Roma na primeira metade do século XIV e Rienzi, é o porta-voz do povo e contrário à aristocracia, deseja retroceder no tempo e restabelecer a antiguidade clássica, mas se torna vítima de uma conspiração e sua última batalha acontece no Capitólio que é

incendiado e desaba totalmente destruído. Para Hitler, foi ali que tudo começou, sedimentando suas três fixações: em Linz, sua cidade natal; na antiguidade clássica e em Wagner, exemplo de político e artista, e que defendia ideias antissemitas, de culto ao legado nórdico e do mito do sangue puro.

Em 1933 foi criada a Câmara de Cultura do Reich, que reunia as diversas linguagens: Música, Teatro, Cinema, Belas Artes, Literatura, imprensa e rádio; para regulamentar e supervisionar todas as ações culturais na Alemanha. A estética nazista enfatizava os princípios clássicos gregos da ordem, proporção, harmonia geométrica. Uma ideia sem qualquer originalidade, visto que em outros momentos como o Renascimento, Neoclássico, houve o desejo de voltar às “origens” da Arte segundo critérios eurocêntricos, assimilados nas intenções de Johann Joachim Winckelmann (1717-1768), historiador da arte que sistematizou a descrição e classificação de estilos, enfatizando a influência da antiguidade clássica:

O tema de uma História da Arte fundamentada consiste, sobretudo, em voltar até as origens, seguir seu progresso e suas variações à sua perfeição; marcar sua decadência e queda até o seu desaparecimento e difundir os diferentes estilos e características da arte dos diversos povos, épocas e artistas, demonstrando todas as afirmações na medida do possível, por meio dos monumentos da Antiguidade que chegaram até nós. T.A.<sup>4</sup> (WINCKELMANN, 2007, p.11)

Winckelmann assinalava o modelo antigo, porque acreditava que qualquer arte começa com o necessário, busca o belo e por fim cai no supérfluo e exagerado, e apesar de reconhecer que também na Arte Grega, depois de atingir o ápice do sublime caiu em um processo de degeneração, afirma que em qualquer tempo ou lugar a arte deve imitar o antigo. Sem colocar em dúvida quaisquer contribuições que Winckelmann tenha marcado na História da Arte, suas ideias permeiam esse campo de estudo diacronicamente.

As palavras utilizadas por Winckelmann como decadência, degeneração, coincidência ou não, são as mesmas utilizadas pela Câmara de Cultura do Reich para definir as obras das vanguardas artísticas, que afirmavam ser produzidas pelo “bolchevismo cultural” instigadas por judeus. E de fato grandes artistas de origem judaica foram banidos da cena artística, acusados de produzirem “arte degenerada”, como por exemplo: Max Beckmann (1884-1950), Marc Chagall (1887-1985), Max Lieberman (1847-

1935), Amedeo Modigliani (1884-1920), Jankel Adler (1895-1949), Lasar Segall (1891-1957), entre outros.

### Olhar Degenerado

O significado da palavra "degenerar" quer enfatizar a perda das qualidades naturais. Baseado no sentido estrito da palavra, o arquiteto e teórico do Terceiro Reich Paul Schultze-Naumburg (1869-1949) definiu que "a arte é espelho de saúde racial" (ARQUITETURA, 1989) e se refere à Antiguidade e ao Renascimento. Trazendo imagens de pessoas com deformações físicas resultantes de doenças, comparava com a arte moderna presente nas vanguardas expressionistas, cubistas, dadaístas, fauvistas, etc...

Vendo os quadros, não se pode associá-los a nada além da desgraça observada nos manicômios onde reúne a degeneração de nossa espécie (...) Espiritualmente, não é preciso convencer ninguém que a visão aqui demonstrada, deve ser banida da Alemanha" (Fragmentos das palestras proferidas por Schultze, ARQUITETURA, 1989)



Figura 1: Comparação de pessoas com deformidades e as obras de Karl Schmidt-Rottluff e Amedeu Modigliani que eram apresentadas por Paul Schultze-Naumburg.

Fonte: <http://www.paraphiliamagazine.com/periodical/the-triumph-of-degenerate-art/> Acesso em 21/03/2013

A partir dessas comparações o médico passa a ser o perito em estética e o padrão de beleza é definido a partir do conceito de raça ariana. Ainda hoje é possível ver no Museu do Holocausto em Jerusalém<sup>5</sup>, as planilhas com referências de tons de pele, de cabelo e medidas que compõem o padrão de beleza ariano.

Em julho de 1937 são inauguradas a Casa de Arte Alemã e a Grande exposição de Arte Alemã, que apresentaram “a nova e genuína arte alemã” com ênfase nas obras de Arno Breker e Josef Torak. No discurso de Hitler ele afirma: “Esta exposição representa o fim da loucura na arte e a negação da cultura alemã. Doravante, nós amargaremos uma guerra purificadora contra a desintegração de nossa cultura” (ARQUITETURA, 1989). E no dia seguinte é aberta ao público a exposição “Arte Degenerada”<sup>6</sup>, na qual foram mostrados 730 trabalhos de 112 artistas considerados depravados, promíscuos e corruptos. Suas obras expressionistas e de vanguarda foram proibidas de serem expostas nos museus alemães. Confiscadas e expropriadas, foram vendidas em leilões na Alemanha ou em leilões internacionais a preço de mercado, e outras que não entraram na exposição ou não foram vendidas foram queimadas em 1939 em Berlim.

A arte se alimenta também da própria arte. O período das vanguardas artísticas é o momento de experimentar novas composições, rompendo definitivamente com a perspectiva euclidiana. O contato cada vez mais próximo com o oriente permitiu um caminho diferente na tradição figurativa europeia. Citado por Giulio Carlo Argan (1992), o Expressionismo alemão tem influência de dois movimentos distintos, o Fauvismo na França e o Die Brücke (A ponte) na Alemanha, ambos de 1905, e que em 1911 impulsionam o Cubismo na França e o Der Blaue Reiter (O cavaleiro Azul) na Alemanha. A origem comum a todos esses movimentos é a oposição crítica ao caráter extremamente sensorial do Impressionismo.

O Expressionismo se põe como antítese do Impressionismo, mas o pressupõe: ambos são movimentos realistas, que exigem a dedicação total do artista à questão da realidade, mesmo que o primeiro a resolva no plano do conhecimento e o segundo no plano da ação. Exclui-se, porém a hipótese simbolista de uma realidade para além dos limites da experiência humana, transcendente, passível apenas de ser vislumbrada no símbolo ou imaginada no sonho. Assim se esboça, a partir daí, a oposição entre uma arte engajada, que tende a incidir profundamente sobre a situação histórica, e uma arte de evasão, que se considera alheia e superior à história. Somente a primeira (a tendência expressionista) coloca o problema da relação concreta com a sociedade e, portanto, da comunicação. (1992, p. 227)

As vanguardas intencionavam extirpar o sentimentalismo, no sentido de ligar o constructo humano à própria experiência. O artista não pode plasmar na sua obra experiências a partir de relatos do outro. Todas as sensações e sentimentos são propriedade de quem sente, transmutado e crivado pela experiência de mundo. Uma experiência não somente sensorial, mas de algo que explica a própria razão de ser, pensar e fazer próprio do humano.

Ora, uma obra de arte só pode ser obra de arte se puder falar a muitos, se for somente um exercício de linguagem para um determinado público, não permite interpretações múltiplas, não pode ser obra de arte. A univocidade pertence ao campo da ciência. Talvez, degenerado tenha sido o olhar atento sobre os vestígios da Antiguidade descontextualizados de seus significados.

### **Arte Silenciada**

No clima de tensão instalado, artistas condenados a um exílio interior, proibidos de produzir e de expor suas obras, professores expulsos das universidades, se iniciou um processo de emigração forçada. A política antissemita de Hitler iniciada com a Lei de Nuremberg de 15 de setembro de 1935, que caracterizava o judeu, meio-judeu e mestiço de acordo com a ascendência, foi intensificada nos dias 9 e 10 de novembro de 1938 marcados pelo evento conhecido como “A noite dos cristais”<sup>7</sup>. Sinagogas foram destruídas, cemitérios profanados, lojas e armazéns de propriedade de judeus saqueados. Cerca de 20 judeus alemães foram assassinados e mais de 30000 foram enviados aos campos de concentração. Iniciava ali, o que Hitler definiu como a “solução final”.

Entre os judeus enviados para os campos de concentração, está Albert Salomon, respeitado médico cirurgião judeu nascido em Berlim, preso e torturado no campo de concentração de Sachsenhausen<sup>8</sup>, Albert casou com a enfermeira Fränze durante a primeira grande guerra mundial e tiveram uma única filha Charlotte.

Segundo Mary Lowenthal Felstiner (1997) que pesquisou e escreveu sua biografia, Charlotte Salomon nasceu em 16 de abril de 1917 em Berlim e ficou órfã de mãe aos oito anos. Introvertida e solitária se apegava profundamente à famosa cantora de ópera Paula Lindberg-Levi que casou com seu pai, quatro anos após a morte da mãe. O convívio com

Paula acendeu as raízes judaicas veladas pela condição burguesa abastada típica dos judeus da Alemanha de sua mãe verdadeira.

Com a política antissemita nazista, suas vidas mudaram completamente. Seu pai é demitido do Hospital Geral de Berlim, Paula é proibida de apresentar em público. A influência de Kurt Singer, amigo pessoal de Paula e que dirigia a Ópera de Berlim até 1933, permitiu que a Gestapo concordasse em criar uma Associação Cultural Judaica (Kulturbund). Oficialmente o papel da Kulturbund era auxiliar artistas a sobreviverem através de apresentações exclusivas para judeus, mas de forma clandestina ajudava os artistas saírem do país com documentos falsos. A casa dos Salomon passa a ser um importante ponto de encontro de artistas e músicos, pois Paula participava ativamente da Kulturbund.

Charlotte cresceu respirando arte e após uma temporada em Roma com os avós maternos que haviam deixado à Alemanha decide se tornar artista. Tenta a Academia de Belas Artes de Berlim e é reprovada na primeira prova, pois concorria com um jovem ariano puro, e a legislação limitava 1,5% o número de não arianos que poderiam ingressar em instituições acadêmicas. Decidida a ingressar na Academia, procura aulas de desenho e em 1936 é aprovada na Academia de Belas Artes de Berlim.

Ali recebeu aulas de arte clássica, visto que as vanguardas modernas e expressionistas estavam proibidas na Alemanha. No entanto, um romance com o músico judeu Alfred Wolfsohn nessa época marcará sua produção. Ele percebe algo diferente em Charlotte, e a estimula a buscar seu eu interior, sua alma. E ela imerge na sensibilidade de seu mundo interior. No ano de 1938 sua matrícula é cancelada na Academia e com os acontecimentos da Noite dos Cristais e a prisão de seu pai, Paula consegue pela sua atividade na Kulturbund, documentos falsos para libertá-lo, e a família decide que Charlotte deixará a Alemanha para ir morar com os avós maternos no sul da França, momento contado na Figura 2. Mostra-se em posição recurvada, uma característica que assumirá na sua auto representação, com a expressão perdida no tempo. As cores são frias, o ambiente melancólico. A separação e o recolhimento são perceptíveis.



Figura 2: À noite antes de deixar a Alemanha

Fonte: <http://www.jhm.nl/collection/specials/charlotte-salomon/leben-oder-theater> Acesso em 21/02/2013

Charlotte foi morar na Riviera francesa na Villefranche-sur-Mer com os avós na casa de Otilie Moore, americana de origem alemã, muito rica que abrigava judeus exilados e órfãos. E ali começa a registrar sua vida, sua história de forma insólita. Como se fosse um drama musical em três partes divididas em prólogo, seção principal e um epílogo, totalizam 769 guaches e aquarelas em dezoito meses de dedicação que refletem a sua própria experiência de vida, a qual deu o título de “Leben? Oder Theater? Ein Singspiel” – “Vida? Ou Teatro? Um drama musical.

A convivência com a avó não foi fácil. A avó imersa em grande tristeza reclamava do fato da neta viver pintando. A pressão do exílio forçado, o sistema nazista adentrando por toda a Europa favoreceu uma tentativa de suicídio da avó em 1939. Charlotte é quem encontrou a avó quase sem vida e na tentativa de distrai-la, inicia sua obra em um pequeno livro com pinturas e textos com a história do passado da família. Não foi suficiente para trazer de volta a alegria de viver, no ano seguinte a avó se suicida, e Charlotte tem a grande revelação de segredo: todas as mulheres de sua família se suicidam, inclusive sua mãe que ela acreditava ter morrido de Influenza.

O estilo de Charlotte varia bastante. No início da série, Charlotte apresenta suas memórias de infância, com traços bem definidos, colorido exuberante. Aos poucos as pinturas se tornam abstratas, as memórias vividas dão lugar às reflexões de dramas psicológicos, os contornos ainda são definidos e finos e as cores se tornam mais frias. Na última fase, Charlotte impõe vida às pinturas, após a descoberta do segredo de sua família. Mais vibrante com contornos largos, pinceladas longas e predominância do amarelo, laranja, azul e vermelho. O tema recorrente são experiências da consciência feminina, a perda da mãe, a convivência e o testemunho do suicídio da avó, na qual ela é o personagem principal. o delicado segredo das mulheres de sua família.



Figura 3: "Ó Deus, não me deixe enlouquecer"

Fonte: <http://www.jhm.nl/collection/specials/charlotte-salomon/leben-oder-theater> Acesso em 21/03/2013

Esta é uma das pinturas mais fortes de sua coletânea, uma composição de cores fortes que caracterizará as obras da terceira fase, feita após a revelação do segredo familiar (Fig. 3), onde Charlotte se encontra entre o dilema de seguir o destino das mulheres de sua família ou tentar construir outra história. São as duas perguntas que dão o título de sua obra: Vida? ou Teatro? A vida, representada pela realidade familiar, o destino traçado e o teatro como a escolha de atuar no personagem construído e não determinado pela realidade.

O desespero da incerteza de saber até que ponto ela poderia viver o comportamento feminino de sua própria condição de judia e exilada no personagem que decidira criar em seu íntimo, estabelece a sintonia de sua obra com obras expressionistas de outras partes da Europa. A angústia, o medo, a incerteza permeava o repertório artístico desde o advento da sociedade industrial. Argan assinala de forma contundente a essência da poética expressionista.

Se para existir é preciso querer existir, lutar para existir é sinal de que há no mundo forças negativas que se opõem à existência. A existência é autocriação, mas, se o mecanismo do trabalho industrial é anticriativo, por isso mesmo é destrutivo. Destrói a sociedade, dilacerando-a em classes exploradoras e exploradas; destrói o sentido do trabalho humano, separando concepção e execução; acabará por destruir, com a guerra, toda a humanidade. (ARGAN, 1992, p.241)

De fato o ato criativo movimentava vários campos da percepção humana. Relacionando os fatos, formas e composições que não podem ser pré-determinadas. Apesar de toda a formação acadêmica de Charlotte e da repulsão ao expressionismo pregado na Academia de Belas Artes de Berlim, o traço solto, a preferência pelas cores puras, pinceladas marcadas, o uso da palavra e da musicalidade conferem à sua obra uma originalidade própria de quem conseguiu apreender, no mais estrito sentido da palavra, a essência da vida em pequenos fragmentos do cotidiano: sua autobiografia desenhada, pintada, escrita e musicada.

Em maio de 1940, Charlotte e seu avô são enviados para o Campo de Gurs, pois a Alemanha havia atacado a Bélgica, a Holanda e a França, e libertados dois meses depois, por conta do acordo feito com a França após a invasão Alemã, onde o norte ficou sob as ordens do governo nazista e o sul um governo de fachada, chamado de Regime Vichy, leal à Alemanha. Esse período foi o único não retratado na série “Leben? Oder Theater? Ein Singspiel”. Mas após a libertação, pintou seu autorretrato (Fig.4), um rosto incógnito, deslocado da centralidade.



Figura 5: Autorretrato, 1940 – Guache sobre cartão 54 x 49 cm

Coleção do Museu Histórico Judaico de Amsterdã

Fonte: <http://www.jhm.nl/collection/specials/charlotte-salomon/other-work> Acesso em 21/03/2013

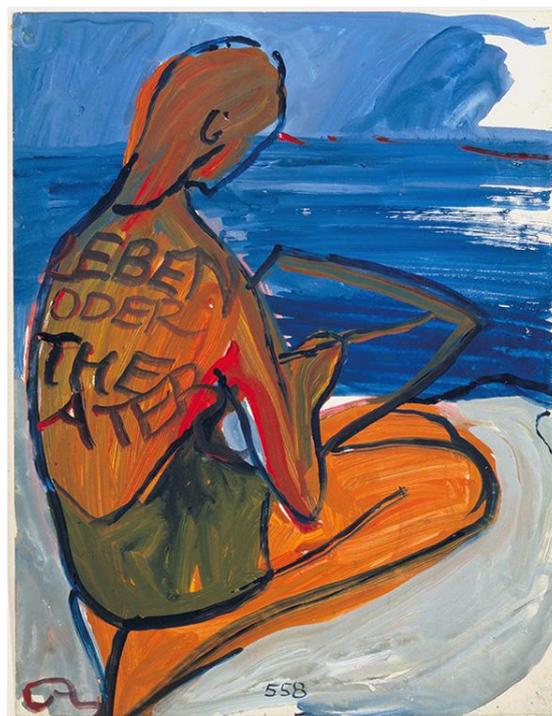


Figura 4: Leben? Oder Theater?

Fonte

<http://www.jhm.nl/collection/specials/charlotte-salomon/leben-oder-theater>

E volta a se dedicar intensamente em sua autobiografia. Depositava ali a força para permanecer viva diferente da escolha feita pelas mulheres de sua família. Em 1941 decide deixar o avô na Riviera Francesa e se muda para a região de Nice. Quando em 1942 ocorreu uma detenção em massa de judeus na região de Nice, acelera seu projeto de pintar *Leben? Oder Theater?* E aos 25 anos pinta a última cena de sua história (Fig. 5). Sentada de costas, na posição recurvada e de frente para o mar, se retrata segurando um pincel e um papel invisível. Com contornos definidos e predominância de cores puras, em azul, laranja e vermelho. E nas costas registra o nome de sua obra.

Charlotte regressa à Riviera Francesa e conhece Alexander Nagler, judeu refugiado na casa de Otilie. Após a morte do avô em 1943, grávida de Nagler, decidem se casar. Para o casamento registram seus nomes verdadeiros e se reconhecem judeus, saindo da clandestinidade. Em setembro de 1943 chega uma ordem para que os judeus da Riviera Francesa sejam deportados e Charlotte com receio de perder todo seu trabalho entrega ao médico que cuidou de sua avó todas as suas pinturas e lhe pede para guardá-las com segurança. Momento no qual teria dito a ele “Toda a minha vida está aqui”. No

dia 24 de setembro Charlotte e Nagler são despachados para o Campo de Drancy e em seguida para Auschwitz. Nagler viveu até 1944, mas Charlotte, grávida foi uma das primeiras selecionadas para a câmara de gás.

Silêncio na Arte. Silêncio na vida. Silêncio na humanidade. Atualmente todos os dias 27 de Nissan às 10 horas soam a sirene em Israel. Tudo para por dois minutos, para lembrar as vítimas do Holocausto. Lembrar o que ocorreu para que não volte a se repetir. Da mesma forma que Charlotte foi assassinada, quantos outros artistas desapareceram? Quantos silêncios nunca serão ouvidos?

Após o fim da guerra as obras foram entregues à Otilie Moore, que entregou posteriormente ao seu pai Albert e à Paula que sobreviveram à guerra. A coleção *Leben? Oder Theater? Ein Singspiel* pertence hoje à Fundação Charlotte Salomon integrada ao Museu Histórico Judaico de Amsterdã. Em 1960 foi realizada a primeira exposição de sua obra e aos poucos sua obra vai se tornando conhecida.

Sabemos que as experiências do artista são determinantes para o processo criativo de sua obra, da mesma forma que determinações externas também atuam no campo artístico e no sistema da arte. Nesse sentido, a obra de Charlotte pode ser considerada uma obra livre, uma manifestação plena de sua vontade expressiva de contar sua história. Uma trágica história, mas uma história pulsante que satisfaz o seu desejo criador, sem a pretensão de adequação ao sistema ideológico estético vigente na Alemanha ou a qualquer outro. Uma mulher artista, que viveu o tempo para construir sua obra. “Toda minha vida está aqui”.

Poucas são as mulheres artistas que passam pelo filtro da História da Arte, e têm sua história registrada e apresentada até pelo menos o século XIX. Uma história que está sendo recontada pelos pesquisadores de Estudos de Gênero na Arte que começa a admitir a reivindicação do reconhecimento de mulheres artistas em toda a história da humanidade. Pois esse é um território que deve ser isento de relações de poder ou hierarquias pelo fato da Arte ter em sua essência o caráter de liberdade criativa, de licença poética e autonomia, mesmo sendo considerado por muitos como uma utopia.

E talvez seja uma utopia, mas se Arte perde a sua essência, será outra coisa, menos Arte. O desejo de reconstruir ou reconstituir algo que já passou, acalentado pela fixação na Antiguidade clássica, retira da Arte algo intrínseco que lhe pertence. Não é

possível construir um discurso sobre a obra de um artista, falando no lugar do artista que produziu a obra em um determinado tempo ou lugar. Somente aquele artista, naquele tempo e naquele lugar poderia criar aquela obra, por isso deixa impressa sua marca em cada obra. Caso contrário o conceito de Arte estaria longe de criação, invenção como defende Luigi Pareyson. Seria cópia, mecanização, padronização.

A questão estética no sistema nazista alterou o curso da História da Arte, no entanto a arte não quer nos convencer de nada, é um signo que está em aberto e que depende da interpretação do fruidor. Essa capacidade de interpretação está impregnada de experiências pessoais. Tem sentimentos que puxam outros sentimentos, não são os mesmos, mas dialogam entre si. Daí o poder transformador da Arte, capaz de manter viva e interferir em escolhas, por mais duras que possam se apresentar, e que não permite silenciar nem mesmo a voz silenciada. O artista vive em sua obra. Charlotte reivindicou esse reconhecimento, transformou sua vida em traços, traços em Arte.

## NOTAS

<sup>1</sup> É o mês do calendário hebraico que marca o início da primavera, a origem do nome Nissan vem da palavra suméria “nisag” que significa “primeiros frutos”. Na Torá, livro sagrado judaico, o nome do mês é Abib.

<sup>2</sup> Título Original: Undergångens arkitektur

<sup>3</sup> O primeiro Reich foi o Sagrado Reich Romano das Nações Alemãs (das Heilige Römische Reich Deutscher Nationen), de 962 a 1806, o segundo Reich de 1871 a 1918, e o Terceiro Reich durou 12 anos, sob comando de Adolph Hitler

<sup>4</sup> Texto original: “El objeto de una historia del arte razonada consiste, sobre todo, en remontarse hasta los Orígenes, seguir sus progresos y variaciones hasta su perfección; marcar su decadencia y caída hasta su desaparición y dar a conocer los diferentes estilos y características del arte de los distintos pueblos, épocas y artistas, demostrando todas las afirmaciones, en la medida de lo posible, por medio de los monumentos de la Antigüedades que han llegado hasta nosotros.”

<sup>5</sup> Yad Vashem – Museu do Holocausto: <http://www.yadvashem.org/>

<sup>6</sup> Entartete Kunst título Original: Entartete Kunst

<sup>7</sup> Em alemão: Reichspogromnacht, Reichskristallnacht ou Novemberpogrome

<sup>8</sup> Campo de concentração ativo desde 1936 a 1945 próximo à cidade de Oranienburg em Brandenburgo.

<sup>9</sup> Sua obra pertence ao Museu Judaico de Amsterdã < <http://www.jhm.nl/collection/specials/charlotte-salomon>>

## REFERÊNCIAS

ARGAN, Giulio Carlo. **Arte Moderna**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

ARQUITETURA da Destruição. Direção: Peter Cohen. Suécia: Versátil, 1989. 1 DVD (121 min), NTSC, p&b. Título original: Undergångens arkitektur.

BELL, Julian. **Uma nova História da Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

FELSTINER, Mary Lowental. **To paint her life: Charlotte Salomon in the Nazi era**. Berkeley: niversity of California Press, 1997.

---

\_\_\_\_\_. Charlotte Salomon. Disponível em < <http://jwa.org/encyclopedia/article/salomon-charlotte>> Acesso em: 21/03/2013

NUNES, Benedito. **Introdução à filosofia da arte**. São Paulo: Ática, 1991.

PAREYSON, Luigi. **Os problemas da Estética**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

WINCKELMANN, Joahann J. **Reflexiones sobre la imitación de las obras griegas em la pintura y la escultura**. Madrid: Fondo de Cultura Economica de España, 2007.

### **Idanise Sant'Ana Azevedo Hamoy**

Mestre em Artes pela Universidade Federal do Pará-UFPa (2012). Especialização em Semiótica e Artes Visuais pela UFPa (2005), graduação em Arquitetura pela UFPa (1988), licenciada em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas (2007) pela UFPa. É Professora Assistente da FAM/ICA/UFPa. Possui experiência na área de Arte e Educação, com ênfase em História da Arte, Conservação de Acervos e Educação em Museus.